11 de maio - 1828

ORAÇÃO GRATULATORIA,

(Extra)

QUE
NA SOLENNE ACÇÃO DE GRAÇAS,
QUE
A MELHORIA DOS HABITANTES DA CIDADE DE COIMBRA
ENDEREÇÁRÃO AO TODO PODEROSO,
POR VEREM RESTITUIDO A PORTUGAL
O SENHOR

D. MIGUEL I.

O DESEJADO,
RECITAVA
EM A IGREJA PAROCHIAL DE S. JOÃO DE ALMEDINA
A 11 DE MAIO DO PRESENTE ANNO

FR. FORTUNATO DE S. BOAVENTURA,
MONGE DE ALCOBAÇA.

Praeliare bella Domini.
REG. I. Cap. XVIII. v. 17.

COIMBRA,
NA REAL IMPRENSA DA UNIVERSIDADE.
1828.

Com Licença da Real Commissão de Censura.

ADVERTENCIA.

Faço imprimir este Sermão por dous motivos: 1.° Porque he um supplemento necessario do que préguei a 25 de Abril, e que já corre impresso: 2.° Porque um crescido numero de bons Portuguezes o não ouvio em razão da pequenez da Igreja, onde se recitou, e não convém que se lhes tire o gosto de o lerem, para darem gloria a DEOS, que nos trouxe o remedio para tantos males, que nós padeciamos.

NOVA ADVERTENCIA.

Movido das instancias, já dos Estudantes Realistas, e dos proprios, que no combate de 24 de Junho obrárão gentilezas de valor, já dos moradores de Coimbra, que são da mesma crença, recitei duas Orações Gratulatorias pelo regresso do Senhor D. MIGUEL I. a estes Reinos, uma a 25 de Abril, e outra a 11 de Maio do presente anno.

Graças a Nosso Senhor, eu tenho assás luzes para ver que a Causa do Senhor D. MIGUEL he tambem a Causa de Deos, e que derribado que fosse aquelle Principe do seu Throno, pouco tardaria que tambem o Deos dos Christãos o não fosse daquelle, que ha mais de 600 annos occupa em todas as Igrejas e Santuarios deste Reino; e por isso não préguei a favor dos incontestaveis Direitos do Senhor D. MIGUEL á Corôa de Portugal, senão por entender que nisso mesmo concorria para a exaltação do Christianismo, e para a gloria de Deos, a quem por certo eu gravemente offenderia, se directa, ou indirectamente abonasse uma Constituição impia, sacrilega, e para assim me explicar, a quinta essencia do Maçonismo.

Quando estava a concluir-se a impressão dos dous Sermões, e dos mais, que se tinhão prégado pela mesma occasião, succedeo resoarem nesta Cidade de Coimbra os Vivas á Carta, que são outros tantos e rigorosamente synonymos de *Viva a impiedade*, *Viva o Maçonismo*; e um dos primeiros cuidados da governança Constitucional foi o lançar mão de todos os papeis impressos em sentido Religioso, a fim de serem completamente destruidos, para o que foi intimado ao Director da Imprensa da Universidade o aresto, ou arenga, que he tal:

Ill.mo Sr. = Por ordem, que em data de 3 do corrente me foi expedida pela Junta Provisoria, encarregada de man-

ter a legitima auctoridade d'ElRei o Senhor D. Pedro IV., tenho de reduzir a cinzas os subversivos papeis impressos na Typografia da Universidade, que já por mim forão apprehendidos a instancia do Coronel do Regimento de Infanteria N. 6, quando Governador Militar desta Cidade.

Para execução da referida ordem, hoje pelas 4 horas da tarde tenciono comparecer na Imprensa da Universidade com dous Escrivães para lavrar os competentes Autos: o que julgo do meu dever participar a V. S. para sua prevenção e intelligencia. Deos guarde a V. S. Coimbra 7 de Junho de 1828 = Francisco Antonio Fernandes da Silva Ferrão, *Vice-Conservador da Universidade.* = *Ill.mo Sr.* Joaquim Ignacio de Freitas, *Encarregado da Revisão e Direcção da Real Imprensa da Universidade.*

Executou-se pois com toda a solemnidade a queima dos Sermões, ficando todavia os Originaes, que servindo agora para esta nova edição, devem mostrar ao publico em toda a luz os principios subversivos do Auctor.

J. M. J.

Ecce ego vobiscum sum omnibus diebus usque ad consummationem seculi.

Estai certos de que eu estou com vosco todos os dias até á consummação do seculo.

S. Matth. Cap. XXVIII. v. 20.

SÓ um DEOS podia fallar com esta segurança sobre acontecimentos futuros, porque só um DEOS podia estar certo da estabilidade e perpétua duração de uma obra, contra a qual se havião de conspirar todas as paixões, todos os erros e todos os poderes da terra e do inferno; e parabem nos seja, leaes Portuguezes, ao vermos felizmente equiparado o nosso destino com os gloriosos destinos da Igreja Universal. Se esta verdadeira Esposa de JESU CHRISTO, fundada no proprio sangue do HOMEM-DEOS, não admitte a mais leve nodoa, que possa manchar a sua nativa e celestial formosura, nem por isso deixará de apparecer muitas vezes denegrida pela força dos trabalhos, e desmedida violencia dos combates; porém trabalhos e combates hão de ser perpetuamente outros tantos ensaios para o seu maior luzimento: nem ella se mostraria tão vistosa e radiante ao inspirado solitario de Pathmos, se um sem numero de batalhas, ganhadas sobre os erros, heresias e paixões humanas, lhe não tivesse merecido as palmas, os diademas, e outras distincções proprias dos vencedores. E qual he o principio da força, que ella sabe ostentar no maior calor da peleja, e que he sempre animada pela certeza do triunfo? Ah meus amados Irmãos! encerra-se nestas palavras de JESU CHRISTO: *Estai certos de que eu estou com vosco até á consummação do seculo.* E que pasmosa não he a semelhança destas vozes, que se proferírão na sagrada mon-

tanha, donde o Redemptor subio aos Ceos, com outras, que se ouvírão pouco antes da famigerada victoria do Campo de Ourique: *Quero em ti e teus descendentes fundar para mim um imperio.... Não se apartará delles, nem de ti nunca minha misericordia.=Volo enim in te, et in semine tuo imperium mihi stabilire... Non recedet ab eis, neque a te unquam misericordia mea.* As primeiras esforçárão os Apostolos para encetarem e adiantarem consideravelmente a maior obra, que os seculos tem visto. Chega ás mais humildes choupanas a importantissima revelação do Mysterio da Trindade Sacrosanta, e não chega debalde, porque infundindo a sua virtude nas salutiferas agoas do baptismo, deve apressar a unica regeneração praticavel do genero humano; e desta arte se conhece, que o mais alto da Religião Christãa he o que mais desce, o que mais perto se chega de nós, quando assim he necessario para felicidade dos homens. E he tão certo ser o Mysterio da Trindade a divisa essencial do Christão, que dahi procedêrão essas mui furiosas tormentas, que terião acabado com toda a obra, que fosse meramente humana. Ario, Nestorio, Eutiques, Mafoma, Socino são nomes fataes e ominosos, que por si mesmos annuncião perseguições violentissimas, póde ser que muito superiores até certo ponto ás que forão movidas pelos sanguinarios decretos dos Imperadores de Roma.... Em todos estes lanços todavia de maior aperto e confusão prevalece a tudo aquella voz Soberana, e a Igreja tem contado o numero de suas victorias pelo dos seus combates. E que menos posso eu dizer das segundas, em que principalmente se firma a conservação da Monarchia Portugueza, que nem da parte dos Mouros, nem da parte dos Castelhanos, nem da parte dos Francezes seus ultimos invasores teve que sentir o perigo imminente de uma total dissolução, como nestes ultimos e desastrosissimos oito annos, diante dos quaes os 300 para 400 de jugo Mauritano são pouco mais de nada, e os 60 de captiveiro Hespanhol perdem o nome, que lhe tem dado os nossos historiadores, para serem chamados *annos de paz e delicias?* Já faltava mui pouco, e não tardava muito, que o nome de Portuguezes fosse apenas uma

recordação historica, e que a nossa primeva gloria fosse mais um titulo para sermos estranhados e vilipendiados em todo o orbe, que justameute se assombrára de nossas proezas, as quaes tinhão feito como cessar e calar de todo esse estampido das façanhas dos Gregos e Romanos; o DEOS porém de Affonso Henriques, o DEOS de João I., assim como para salvar a sua Igreja de horrorosas tempestades não tem mais que suscitar um homem só, talhado pela sua mão para desbaratar insolentes e poderosos inimigos, hoje um Athanasio, á manhãa um Agostinho, outro dia um Cyrillo, mais adiante um Ignacio, e já perto de nós outro Ignacio, todos como outras tantas muralhas da Igreja para repellirem os discipulos de Ario, de Pelagio, de Nestorio, de Focio, e de Luthero, tambem suscitou agora, oh prodigio dos prodigios, e por ventura o mais signalado, que nunca se fez em pró da Monarchia Portugueza! suscitou o Mui Alto e Poderoso Senhor D. MIGUEL I., o Desejado, titulo este, que há muito lhe outorgão de boamente os nossos corações, já esperançados em que a Historia não tardará muito em lhe assignar o titulo de Grande... Ah! não he illusão da piedade Christãa, he verdade, que a promessa feita no Campo de Ourique tem hoje o mais cabal e decisivo complemento; e que o regresso deste amabilissimo Principe he a demonstração mais solenne daquelle milagroso acontecimento, e que mui bem nos declara e afiança, que o Senhor está com nosco pela sua virtude e pela sua efficacissima protecção. *Ecce ego vobiscum sum omnibus diebus usque ad consummationem seculi.*

Meu DEOS, tórno a apparecer diante de Vós, e cada vez mais cheio de assombros e temores. De assombros, porque vejo como gravado o vosso dedo, a vossa Soberana influencia no que tenho visto ha oito annos a esta parte; vejo que todo o bem que nós experimentâmos, he feitura vossa, e por isso mesmo o não sei explicar. De temores, porque humilhado e cozido com o chão reconheço altamente, que só um Anjo descido do Ceo poderia fallar dignamente sobre a nunca vista felicidade, que vos aprouve

conceder aos Portuguezes, que são agora, e eu por tal me considero em nome de todos elles, outros tantos Lazaros resuscitados do túmulo... Abysmado na certeza da minha insufficiencia, dahi mesmo tirarei forças e esperanças, pois a baixeza dos instrumentos he sempre um credito immortal da vossa omnipotencia.

I.

DEOS não carece de empregar sempre as fomes, as pestes, os terremotos e as tempestades para castigo das Nações, que esvaecidas em seus pensamentos, ousárão rebellar-se contra o seu Auctor e Bemfeitor supremo. Basta que as entregue nas mãos de errados conselhos, que as deixe cumprir intentos perfidos e sacrilegos, e ver-se-há logo no breve espaço de dous, ou tres annos tanta copia de estragos e ruinas, que serião para desejar todos aquelles flagellos juntos, se a troco delles se podesse escapar a um só, que val por todos os existentes e possiveis, e que he vulgarmente chamado *regeneração da especie humana.* Debaixo de uma economia tanto mais admiravel, quanto parece mais simples, e até desconhecida dos proprios, que no meio do castigo mais tremendo se reputão auctores da felicidade de seus semelhantes, he que o SENHOR vendo a espantosa conjuração traçada nos principios do seculo 18, para que o genero humano fosse esbulhado de uma Religião, a unica, que o ensinou a ser feliz, e tambem a unica, que soube estabelecer e vingar os melhores e verdadeiros direitos do homem, pareceo dizer a esta medonha e sacrilega associação de todas as fézes da sociedade: *Quereis reformar a minha obra? executai a vossa vontade, e nisso mesmo tereis o maior castigo.*

II.

Não me compete agora descrever-vos o primeiro ensaio deste pavoroso castigo; não me chegaria o tempo, assim como não há execração e horror, que chegue a emparelhar-se com os males causados pela Revolução Franceza; mas permitti-me que eu

desafogue na vossa presença de uma idêa, que me atormenta. Como foi possivel, que sendo já plenamente conhecido o açoute, que fizera perecer a terça parte dos habitantes da terra, ainda Portugal estivesse tão atrazado em verdadeiras luzes, que cegamente abraçasse os systemas, que derrotados completamente em outros Reinos da Europa, se acolhêrão á Peninsula das Hespanhas, para aqui se refazerem, acastellarem, e resolverem novos planos de sedição e anarquia? Como foi possivel, que a Constituição Franceza de 1791, a qual produzio os amargos fructos, que nós vimos e lastimámos, que esta verdadeira filha das trevas, só a beneficio de uma traducção, hoje Castelhana, ámanhãa Portugueza, fosse tida em Cadiz e Lisboa como a obra prima da sabedoria humana, e o mais seguro penhor da felicidade dos imperios? Do mesmo animo que se fica ordinariamente, quando se chega ao alto de um despenhadeiro, e ao deitarem-se os olhos para baixo, como que foge a vista, aperta-se o coração, e a toda a pressa voltamos o rosto para tomarmos a respiração, que nos falta; assim fico eu, todas as vezes que he necessario medir as alturas do abysmo, em que tratou de nos despenhar a todos essa noute fechada, que se arrogou o nome de *Luz*, essa tyrannia a mais desenfreada, que se chamou *Liberdade*, essa loucura rematada, que ousou chamar-se *boa razão*, ou, para dizer tudo por uma vez, *o Systema Constitucional.*

III.

Prescindo agora inteiramente de vos mostrar o começo de tão espantosa quéda, e por que artes infernaes os Reinos mais catholicos da Europa forão arrastrados como até ao meio deste precipicio. Estamos no caso, em que um cento de linguas, uma voz de ferro, e um peito de bronze não chegarião nem a fazer o indice das varias fórmas, que o Espirito Revolucionario, ora cuberto de andrajos, ora vestido de purpura, soube tomar déstra e ardilosamente, ameaçando sepultar na mesma cóva todos os thronos de envolta com todas as idêas Religiosas, e com

as noções mais obvias do justo e do injusto, do bem e do mal. Não vos chamarei hoje ao conhecimento de tão lastimosos estragos; só vos convidarei para que os vejaes e apalpeis.

IV.

Que beneficios vos trouxe a Constituição de 1822, obra prima dos mais abalisados talentos deste Reino? Engrandeceo-se por ventura o nosso territorio? Antes diminuio consideravelmente; a indiscrição de alguns Demagogos frustrou n'um volver de olhos todas as fadigas e honrosas lides dos Sousas, dos Furtados e dos Vidaes de Negreiros; e uma palavra a mais inconsiderada e a mais fatua cortou para sempre o braço direito do Imperio Lusitano. Curarão-se por ventura as feridas da patria, quero dizer, as dividas, que foi necessario contrahir para lutarmos com esse formidavel colosso chamado NAPOLEÃO? Bem pelo contrario subírão de ponto, e dentro em dous annos tomárão o aspeito de incuraveis. Animárão-se os talentos, publicárão-se obras acabadas e de credito para a Nação? Bem pelo contrario, apenas se traduzírão em linguagem as *Ruinas* e *Catecismo* de *Volney*, e coube a este Reino a desgraçada sorte de merecer os sempre fulminantes anathemas do Vaticano. Por ventura melhorárão os costumes, augmentou-se o esplendor do culto Divino, promoveo-se a Educação Religiosa, sem a qual não póde haver felicidade nem ainda temporal nos Imperios? Ai! ai! eis o que posso dizer; e se patenteasse o que tenho em o meu coração, por certo que soçobraria de todo, e a voz se me pegaria na garganta. Já fôra extincto por unanimidade de votos o antigo e só para os impios tremendo Tribunal da Fé, para se ler afoutamente em um livro Portuguez impresso em Lisboa, que a Fé era a *virtude dos tolos* (1). Já tinha soado o grito da

---

(1) Em o Catecismo de *Volney*, impresso em Lisboa no anno de 1820, e já se sabe depois de 24 de Agosto, e com licença da Commissão de Censura, se lê, que *a Fé e a Esperança são virtudes dos tolos em proveito dos velhacos*. Que bello ensaio de Religião Constitucional!

refórma, ou destruição das Ordens Religiosas; já os virtuosos Cenobitas filhos de Bruno erão violentamente arrancados ao seu habitual silencio, e ás suas como anticipadas sepulturas. Já as Imagens de MARIA Santissima e dos Santos mais venerados neste Reino erão tomadas a rol, como se fossem utensilios de cozinha; erão atiradas confusamente para cima de carros, que atravessavão desta maneira e sem o mais leve disfarce uma Cidade Christãa. Já os metaes preciosos, que nunca podem estar melhor do que na casa do Senhor, se amontoavão para usos bem differentes, e o sinal da Redempção, a Cruz de prata e ouro, bem de pressa havia de converter-se em moeda, que pagasse o salario de Pedreiros Livres, architectos de Revoluções por toda a Europa. Em fim o Dragão infernal todo se compraz ao ver o que he de bem succedido nos combates, que elle proprio dirige, quando o Senhor D. MIGUEL se propõe vencel-o e desbaratal-o.

V.

Afamados Campos de Santarem, que já presenceastes a victoria de um Infante Portuguez sobre todas as forças da Mourama, admirai agora outro Infante, que se abalança á mais arriscada de todas as emprezas. MARIA, concebida sem a mancha do peccado original, que há muito defendes os Principes da Casa de Bragança, que no maior auge das nossas desventuras foste a nossa consoladora, foste como a *rocha* firme, que sustentou as nossas esperanças, acode-lhe, não o desampares . . . Cumprírão-se os votos dos leaes Portuguezes . . . MIGUEL triunfa sem desembainhar a espada; repõe seu Augusto Pai no throno de seus maiores: a Patria e a Fé nesses dias memoraveis, que corrêrão desde 31 de Maio até 6 de Junho, abraçadas mutuamente dão-se os parabens de terem escapado ao naufragio, e de podêrem ser ainda o que tinhão sido no longo espaço de 600 annos. Das bocas de todos os leaes Portuguezes sáem os vivas ao seu heroico Libertador; e então mesmo desde as espeluncas infernaes, abertas nas margens do Tejo, rompe o brado:

Não reine D. MIGUEL; e este brado retumbou em outras que taes espeluncas, banhadas pelo Tamisa, pelo Sena e pelo Danubio. Quando triunfou a nossa Divina Religião sobre o monstro do Polytheismo, pareceo ouvir-se no Capitolio: *Os Deoses vão-se*: agora pareceo ouvir-se uma voz medonha e terrivel: *Se este Principe chega a tomar as redeas do governo, a seita do Maçonismo acaba em Portugal; e extincto que seja este fóco, que deve estar sempre acceso, para incendiar as Hespanhas, e apoz ellas o mundo inteiro, que será de nós?*

VI.

Empregai muito embora todos os recursos demasiadamente poderosos, que vos assistem; corrompei os Gabinetes; seduzi os Principes; arrojai para fóra deste Reino o proprio, que tão denodadamente o libertou das vossas garras; no excesso de vossos criminosos delirios, blasfemai contra elle, tratando-o de Regicida, de filho degenerado; inventai nomes, que vos parecem injuriosos, para denegrirdes os que amão o Salvador da Patria... O enternecido amor, que os bons Portuguezes lhe dedicão, está refugiado e acastellado nos corações, sim nos corações, onde não chega o vosso agigantado poderío; e o Senhor D. MIGUEL, desterrado para longes terras, leva comsigo nada menos que dous milhões de *Infantistas*, que hão de acompanhal-o em todas as Cortes da Europa, que hão de temer os perigos deste excelso Principe, como se fossem proprios, que hão de estremecer, quando se trate de o arrebatarem para a Corte do Rio de Janeiro. Ao throno do Deos vivo chegárão diariamente neste Reino mais orações por elle, do que tramas e projectos abominaveis podem saír a cada instante de vossas hediondas cavernas, há muito em proximo contacto com as trevas exteriores, com a propria morada do horror sempiterno. Ah! meus amados Irmãos, deixai-me respirar um pouco; vejo-me assaltado de pavorosas imagens... Os crimes são mui faceis a quem os tiver na conta de virtudes. A prevaricação geral da Europa he tão

grande! . . . e as nossas esperanças cada vez se alongão mais. Esquadrinha-se no Exercito, nos empregos civís, quem será affecto ao Senhor D. MIGUEL, com o mesmo escrupulo das quarentenas, que se fazem aos navios, que se teme venhão empestados... Apparece neste Reino outra Constituição, ... mal fadado nome, para que vens importunar e atormentar os bons Portuguezes? A facção, que jurou fazer resuscitar a primeira, assoalha immediatamente, que he a mesma ... cantão por toda a parte a victoria, e o espirito Republicano se desenvolve de parelhas com o espirito da impiedade muito acima do que se tinha visto nos primeiros e mallogrados ensaios da plantação do systema constitucional nestes Reinos. Que importa o ser a letra um pouco diversa, se os factos decidem irrevogavelmente, que era a mesma, e que um só e mesmo espirito bafejára o nascedouro de ambas, a qual dellas mais parecida em feições com seu pai, que se chama o espirito do erro, ou o Principe das trevas? *Vos a patre Diabolo estis.*

VII.

E querieis vós, meus amados Irmãos, ver caír todas as riquezas de Portugal em uma especie de sumidouro, que as devorasse todas, para nunca mais as restituir? Querieis envilecido para sempre o claro nome de Portuguezes, que andou sempre, para assim o dizer, escoltado pela honra, probidade, heroico desinteresse e achrysolado amor a seus Principes naturaes? Querieis experimentar novos Chaliers, Jourdans, Marats, Robespierres, já que o sólo Portuguez, outr'ora o mais esteril de venenosas plantas, abunda hoje em corifeos de impiedade? E o ensaio da sorte, que esperava a todos os bons Portuguezes, ensaio feito a 18 de Março deste anno, assás mostra que os Robespierres Lusitanos não cederião o passo aos Francezes, e por ventura se avantajarião a tudo quanto se conhece de mais horrivel e medonho em os ensanguentados fastos da barbaridade humana. Querieis ver as casas do SENHOR profanadas, este proprio Santuario con-

vertido em Templo da *Razão* ou da *Mocidade*, aquelle altar do DEOS vivo feito pedestal de alguma infame prostituta, os Sacramentos abolidos a ponto de ser necessario a quem fosse Christão o vaguear pelas montanhas em demanda de um Sacerdote, que lhos administrasse a furto? Querieis ver a Penitencia Sacramental desterrada dos Templos para o mais emmaranhado dos bosques, para o interior das grutas e penedias; querieis ver o Pão dos Anjos novamente mettido em as estreitezas de um presepio?... Ah! tudo isto e muito mais poderieis ver, se o Deos dos Portuguezes não estivesse com nosco para tolher e destruir os progressos do systema constitucional, mostrando assim estar com nosco até á consummação dos seculos. *Ecce ego vobiscum sum omnibus diebus usque ad consummationem seculi.*

VIII.

Dias por certo os mais amargos da minha vida forão esses, em que vi os Portuguezes retrocedendo a passo largo quasi para o mesmo, que hontem havião lançado por terra e calcado aos pés; e sobre todas as considerações me affligia a certeza de que tudo se encaminhava para que o Senhor D. MIGUEL fosse perpetuamente excluido do throno, que lhe pertencia. Nem se quer 24 annos de idade o habilitão para ser o Regente da Monarquia, ao passo que he tanto menor o numero de annos, que se exige em os nossos Reis para assumirem o governo! Mas que se ha de esperar de uma seita a mais desatinada e a mais incoherente de todas? De uma seita, que não se envergonha de sustentar hoje que os Reis podem abolir as Leis fundamentaes das Monarchias, e passados poucos mezes fazem reviver as leis já extinctas, para desviarem do throno uma Princeza, que elles chamão estrangeira? Ah! se estes perfidos já se abalanção a dizer e a escrever, que a Nação toda quer as *idêas liberaes*, e detesta, oh que atrocissima calumnia! e detesta o seu Libertador, vós ao menos, valerosos Transmontanos, e mais Portuguezes de todas as classes e de todas as Provincias deste Rei-

no, dai a toda a Europa um testemunho publico de que a exclusão do Senhor D. MIGUEL não he a vontade geral dos Portuguezes : ainda virá tempo, em que á nota de rebeldes succedão os gloriosos nomes, de que sois credores ; a posteridade vos chamará os melhores amigos do throno, e como outros tantos prodigios de constancia, outras tantas victimas da mais heroica lealdade ; e se eu defendesse a vossa causa em outro lugar, pediria que os vossos nomes fossem escriptos em um elevado monumento, assim como o forão os dos trezentos heróes das Thermopylas. Basta que o Senhor D. MIGUEL appareça nas Cortes de París e Vienna de Austria; a sua presença contraría e desmente assás o que se espalhou muito de pensado contra o Restaurador da Monarchia Portugueza. Aquelle porte de heróe não póde ser o disfarce de um criminoso, e bem depressa os que havião de ser (fallemos claro) seus carcereiros, tornão-se os seus mais sinceros admiradores, e empregão todos os meios para desenganarem um Pai . . . desventurado Pai, quem sabe se pagarás bem caras as saudades deste filho?

IX.

Entre tanto as forjas da impiedade trabalhão incessantemente, quando não seja para outro fim, ao menos para ganharem tempo ; e o dia 26 de Outubro de 1827 se lhes antolha qual temeroso e levantado cachopo, onde tinha de soçobrar mui prestes um navio, que ha oito annos zombára de todos os riscos e tormentas. E com effeito que seria de nós, se o Todo Poderoso não confundisse as linguas dos edificadores da nova Torre de Babel? Christianismo, já ías a fugir inteiramente de nós . . . Já os nossos vindouros estavão ameaçados de não terem outro Evangelho, senão o *Contracto Social*, outro Catecismo, senão o *Systema da Natureza.* Que milhões de almas perdidas! Muito melhor seria que não tivessemos existido, que o presencearmos a fatalissima saída do Reino de Deos para outras Nações, que dessem melhores frutos . . . . Deixar de ser

Christão he mil vezes peor, que o deixar de ser homem . . . pois que he, senão acima de fera, e fera a mais embravecida, o homem , que se despe inteiramente de toda a sujeição á Divindade? . . . Não tardes, não, inclyto Soberano, affronta embora os procellosos mares . . . vem acudir á Santa Religião quasi moribunda , e que apenas dá signaes de vida , quando se lembra que tu vens para seu defensor . . . . A tua prodigiosa entrada no Tejo vai ser para ti e para ella um verdadeiro triunfo, e o mais ditoso presagio de outros mais esclarecidos, porque está comtigo a mão do Senhor, que determinou fazer-te um Rei segundo o seu coração.

X.

Já foi advertido nas Letras Sagradas (1), que o vencedor de si proprio e das suas paixões mostra ser mais valente e esforçado, que o proprio conquistador, que rende praças, entra Cidades, e mette a ferro e a saque Provincias e Reinos. A primeira lição, que nos dá o Senhor D. MIGUEL ao entrar nestes Reinos, he uma sinalada victoria, que elle sabe conseguir sobre um inimigo, que por ser domestico, he sempre o mais poderoso. Tudo parece chamal-o para a vingança . . . A propria Fragata, que o conduz, a propria Náo, que lhe serve de guarda, parece estarem-lhe dizendo : . . . Aqui foi o tribunal do teu juizo . . . . Alli foi o teu carcere : e ao avistar as collinas proximas á barra de Lisboa , podião facilmente occorrer-lhe esses insolentissimos regozijos, com que a Seita Maçonica havia celebrado outr'ora o que lhe pareceo o maior e o mais decisivo de seus triunfos. Ah ! tudo isto põe de parte aquella alma generosa, e assás nos ensina quaes são as vinganças proprias de um Christão . . . O Rei de Portugal esquece-se das injurias feitas ao Duque de Beja, e naquelle magnanimo coração só tem entrada os sentimentos proprios de um Soberano e de um Pai . . . Esta

(1) Proverb. Cap. XVI. v. 32.

primeira victoria he simplesmente um ensaio de outra mais completa.

XI.

Quem duvída que o Senhor D. MIGUEL I. tenha a perspicacia... não digo bem, he desnecessaria a perspicacia, quando se trata de axiomas; quem duvída que elle tenha olhos para ver que as Cortes de Lamego são a Lei fundamental da Monarchia Portugueza, e que os estrangeiros ahi são inhibidos de reinar entre os que mui pouco prezarião o serem Portuguezes, se por ventura não fizessem esta devida exclusão? Quem duvída que o Senhor D. MIGUEL I. sabe perfeitamente que o primogenito do Senhor D. PEDRO I. e da Rainha D. IGNEZ DE CASTRO foi esbulhado da Coroa, por ter entrado nestes Reinos de mão armada? Sem embargo de todas estas considerações, elle não se peja de fazer ceder a sua auctoridade a outra maior, que he a dos seculos; sim a dos seculos, porque uma Lei fundamental he acima de todos os poderes de um Soberano, que for justo. Desoladas Provincias, que tão caro haveis pago o vosso amor a este saudosissimo Rei; por vosso respeito he que elle deixa de assumir o titulo, que por milhares de razões lhe pertence. Se elle o fizesse ao entrar em Lisboa, não serieis hoje senão vastas sepulturas de vossos habitantes.

XII.

Deixai-me agora voltar para vós, meus amados Irmãos, e apontar-vos a differença, que vai dos actos espontaneos de amor e lealdade aos chamados livres no Diccionario Maçonico. = Jura, ou deixa de ser Cidadão Portuguez; jura, como se fez ao Rei D. FERNANDO VII, apontando-lhe uma pistola ao peito, jura, ou condemnas-te a seres logo preso e exterminado. = Ouvio-se por ventura uma irrisão, como esta, de tudo o que ha de mais respeitavel entre os homens, nesse dia o mais feliz de minha vida, em que subírão ao Ceo as nossas acclamações, os nossos vivas ao Senhor D. MIGUEL I. Rei absoluto? Appareção os queixosos da mini-

ma coacção ou violencia ... Estou prompto a ouvil-os ... Conhecão logo a differença, que vai de obedecer a um Rei absoluto, a obedecer a uma Constituição, que sempre tem apparecido entre nós debaixo de apparato hostil, promettendo carceres, comminando mortes, e extinguindo os mais remotos visos de liberdade.

XIII.

Antes, mil vezes antes um Rei mais que absoluto, do que cem despotas, a qual delles mais sollicito por desfrutar a quimerica soberania do Povo. Se podesse existir uma soberania de tal jaez, que não he senão uma arte de fazer escravos, que se mostra por experiencia ser ainda mais fatal para os povos, a quem lisonjêa, do que aos Principes, a quem esbulha de seus melhores direitos, por ella mesma serião hoje condemnados para sempre os inimigos do Senhor D. MIGUEL I. Quem vos deo a suprema auctoridade a 24 de Agosto de 1820? Foi o povo cercado de bayonnetas... O mesmo povo agora, tambem cercado de bayonnetas, porém apontadas contra elle para reprimirem o grito da lealdade Portugueza, assim mesmo entôa os vivas ao Senhor D. MIGUEL I. Logo a vossa propria espada vos atravessa hoje o coração ... mas basta-lhe o ser vossa, para que eu a despreze, e atire com ella fóra... Deos, e só Deos concede o throno ao Senhor D. MIGUEL, por ver que este passo era necessario para que Portugal fosse, como sempre foi, o seu Reino escolhido, do qual não se apartará nunca a sua misericordia. *Non recedet ab eis misericordia mea.*

XIV.

Na propria gloria deste Filho do Rei, que, para assim me explicar, sáe e reverbéra desde o interior do seu Palacio e desde as suas acções mais ordinarias, acharemos cada vez mais claros testemunhos de que um tal Principe he um especial mimo dos Ceos, e mais um sello de auctoridade irrefragavel, que se imprime á nossa vista em as promessas do Campo de Ourique. Que

grandes exemplos não dá este Soberano aos seus povos, sendo um modelo de amor filial, renovando no Palacio esses costumes antigos, que davão ás moradas de nossos Principes uma certa apparencia de sanctuarios, assistindo todos os dias impreterivelmente ao sacrosanto e divinissimo Sacrificio da Missa, e não se esquivando de apparecer muitas vezes por anno em o sagrado tribunal da Penitencia! Ah meu amado Principe.... eu podia respeitar-te, se não fosses mais do que um grande politico; podia temer-te, se fosses simplesmente justiceiro; e até poderia amar-te, se por ventura só te notasse a bondade de HENRIQUE IV. de França, teu ascendente; porém vendo que és Christão sincero, que o teu recolhimento na presença do DEOS dos exercitos he tal, que deo nos olhos ás proprias Nações hereticas, e que a tua reverencia na Casa do SENHOR te leva a estranhar um só gesto, uma só palavra, que indique menos attenção ao lugar santo, que não he outra cousa mais do que a porta do Ceo, eu me vejo tentado a render-te maior vassallagem, que a do amor, e não sei como designar a especie de sentimento, que medêa entre a adoração e o amor, o qual me tem como ligado para sempre aos teus destinos, a ponto de que sendo tu meu Soberano, e só neste caso, eu de bom grado continuarei a ser Portuguez. De bem máo grado o tenho sido há oito annos a esta parte; que todo o Reino, em que a sacrosanta Religião de JESU CHRISTO estiver em perigo de acabar, não he o meu Reino, assim como deixão de ser meus compatriotas os que desconhecem e rejeitão a Patria Celestial.

XIV.

Não censureis, que falle de mim por esta maneira. Estou fallando em vosso nome, porque sou vosso interprete, e nesses proprios sentimentos de um júbilo, que desde 1640 nunca mais se tornou a vêr em Portugal, e que o nome de MIGUEL só de per si desperta nos corações Portuguezes, eu admiro os effeitos da protecção Divina sobre o Reino de Portugal. Nunca fiz idêa de que esta Monarchia fosse nem tão predilecta, nem tão favo-

recida. O que está assentado sobre os Cherubins, o que tem por seus Ministros ora os Anjos, ora o fogo abrazador, he o especial amigo dos Portuguezes.... Se DEOS he por nós, quem ousará medir-se com nosco? Quem como DEOS? Ah! inda que eu visse postos em campo exercitos innumeraveis para nos desapossarem da nossa maior ventura, lembrar-me-hia de outros que taes, completamente desbaratados em Ourique, em Santarem, e no Salado, e diria ao SENHOR: Se he necessario arriscar-me á sorte dos combates, dahi mesmo tirarei motivos de esperança. *Si exurgat adversum me praelium, in hoc ego sperabo.* Não vos assuste, meus amados Irmãos, nem o tridente de Neptuno, que he uma fabula dos Poetas, nem o sceptro do mundo, que he uma quiméra, sempre fatal aos que se deixão illudir por ella. Senhores da Europa forão os exercitos de Napoleão; e os exercitos de Napoleão aqui experimentárão revézes e derrotas: Senhores do mundo erão os Romanos; e os Romanos forão expulsos da Lusitania .... Não se diga nunca, nem se chegue a suspeitar, que Sagunto e Numancia, Pagãs, fossem mais fieis e valorosas, que as Cidades Christãs deste Reino. Se aos Gentios parecia mui agradavel o morrer pela patria, muito mais o deve ser morrermos todos, se for necessario, pela Fé.... E quando alguns Soberanos illudidos, ou fataes victimas dos estratagemas da Seita Maçonica tratassem de nos violentar a que outra vez acceitassemos esses grilhões, que felizmente despedaçámos em o dia 25 do passado; então melhor seria, que deixassemos para sempre esta patria de heróes, que abraçados com as Santas Imagens, as subtrahissemos á furia dos novos Iconoclastas, levando com nosco os mais poderosos intercessores até ás regiões, onde se professasse o Christianismo, pois terra, onde não he possivel ser Christão, he mais inferno, do que habitação de homens.... Reinassem então os Pedreiros Livres sobre desertos e ruinas, sobre terras incultas, e se as quizessem povoar, poderião fazer uma requisição de tigres, pantheras e leões aos desertos da Africa... Ah! meu DEOS e verdadeiro Pai de todos os homens... tudo quanto eu vejo, me afiança, que continuareis a ser especialmente o DEOS

dos Portuguezes, pois quando elles só merecião castigos, então mais propicio e grandioso do que nunca, entornastes sobre nós tal copia de benções, que sómente os cégos deixaráõ de as conhecer, e os obdurados de lhe renderem as mais justas acções de graças. Conimbricenses, descendentes dos mais claros heróes, que tem produzido a ingenita lealdade dos Portuguezes, quereis vêr firme, consolidado, e até indestructivel o Throno do Senhor D. MIGUEL I.? Voltai para o Senhor do meio dessas veredas tortuosas do peccado, e chorai as vossas offensas aos pés do Ministro da Penitencia. Sendo Christãos verdadeiros, sereis invenciveis, e o vosso adorado Soberano reinará por largos annos, que he o mesmo que dizer, felicitará os seus povos, e tornará cada vez mais luzente e mais respeitada a Santa Religião dos nossos maiores.

AMEN.